PSE5864 – Aprendizagem Social: Uma abordagem evolucionista

Bruna Rezende Malta de Sá – 9303612

Questionamentos sobre o texto ***Não há docência sem discência*** (1996), de Paulo Freire.

Achei muito curioso termos um texto do Paulo Freire para lermos na disciplina, é algo que normalmente não se esperaria em uma disciplina de Etologia. Entretanto, fiquei muito feliz de ler esse texto. Ele faz todo o sentido tanto com o contexto geral da disciplina quanto com o momento de fechamento dela. O texto traz fortemente a ideia da descolonização da ciência e da prática docente. Acho que fomos instigados bem a exercitar a prática de buscar conhecer os autores das obras que nos baseamos e criticamos.

*“É por essa ética inseparável da prática educativa, não importa se trabalhamos com crianças, jovens ou com adultos, que devemos lutar. E a melhor maneira de por ela lutar é vivê-la em nossa prática, é testemunhá-la, vivaz, aos educandos em nossas relações com eles. Na maneira como lidamos com os conteúdos que ensinamos, no modo como citamos autores de cuja obra discordamos ou com cuja obra concordamos. Não podemos basear nossa crítica a um autor na leitura feita por cima de uma ou outra de suas obras. Pior ainda, tendo lido apenas a crítica de quem só leu a contracapa de um de seus livros.”*

E mais do que isso, acho que o texto também carrega um exemplo de como as perspectivas teóricas que discutimos até então na disciplina podem resultar numa mudança de interpretação do mundo. Quando falamos na psicologia ecológica, em Sistemas em Desenvolvimento, cognição corporeada etc., colocamos o indivíduo como agente, não mais como um mero receptáculo do ambiente. Colocando em evidência a importância profunda do ambiente, sendo esse “ambiente” tudo aquilo que constantemente interage com o indivíduo, há uma responsabilidade muito maior tanto para o indivíduo quanto para tudo que o cerca.

*“mais do que um ser no mundo, o ser humano se tornou uma Presença no mundo, com o mundo e com os outros. Presença que, reconhecendo a outra presença como um “não-eu” se reconhece como “si própria”. Presença que se pensa a si mesma, que se sabe presença, que intervém, que transforma, que fala do que faz mas também do que sonha, que constata, compara, avalia, valora, que decide, que rompe. E é no domínio da decisão, da avaliação, da liberdade, da ruptura, da opção, que se instaura a necessidade da ética e se impõe a responsabilidade. A ética se torna inevitável e sua transgressão possível é um desvalor, jamais uma virtude.”*

Durante a leitura do texto fiquei tentando conectar com tudo que tenho lido sobre ensino em não-humanos (confesso que estou um pouco viciada em tentar essas conexões já que estou tentando escrever o ensaio), mas fiquei muito impactada com o trecho abaixo.

*“É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem forrar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.*

Fiquei pensando o quanto é importante a interdisciplinaridade. Muito temos falado sobre a importância de enxergamos a interação, não tentar entender os elementos isoladamente se o fenômeno só existe quando os elementos estão interagindo. A forma com que Paulo Freire expõe isso é realmente muito bela. O quanto que outras áreas como a filosofia, psicologia, neurociência ou qualquer área que se debruce sobre a questão de ensino- aprendizagem não se beneficiaria das ideias de Paulo Freire? São muitas pontes possíveis, mas que muitas vezes não existem. Enfim, gostei muitíssimo do texto, fiquei muito motivada. Gosto muito da área da educação e, por minha mãe ser professora, conversamos muito sobre o cotidiano da escola, e esse texto acaba por sintetizar muitas coisas que acredito e que tenho aprendido com minha mãe sobre a prática docente. Não há como descolar nem o professor nem o aluno do seu contexto e, muitas vezes, é nesse descolamento de realidade que se baseia a educação. Por fim, gostaria de ressaltar um último trecho:

*“É próprio do pensar certo a disponibilidade ao risco, a aceitação do novo que não pode ser negado ou acolhido só porque é novo, assim como o critério de recusa ao velho não é apenas o cronológico.”*

É muito interessante e importante pensar que, ao propor um pensamento crítico, estamos sujeitos a ser criticados também. Isso é algo que continuamente tento amadurecer, pois estar pronta para receber críticas não é fácil, mas faz parte de todo processo de ensinar e aprender. Acredito que a disciplina tem me ajudado bastante nesse sentido, ao me tornar uma leitora mais crítica, tenho que me tornar mais aberta a críticas também.

Questionamentos sobre o texto **Development as Transformation of Participation in Cultural Activities** de Rogoff, B (2003).

O texto de Barbara Rogoff foi um excelente complemento para o texto de Paulo Freire e tudo que discutimos até então. Logo no início, quando Rogoff expõe os objetivos do capítulo, me lembrei bastante do texto de Fogel que lemos recentemente (**Developing through relationships: origins of communication, self, and culture),** que sugere que a linguagem e outros componentes da vida social emergem das interações das crianças com os componentes da comunidade em que estão inseridas.

“However, I believe that some of the problems that remain require rethinkin’ our basic ideas about the relation between individuals and cultural communities.”

 O trecho em que Paulo Freire diz que não há docência sem discência conversa muito bem com os questionamentos levantados pela autora nos seguintes trechos:

“This perspective stresses that understanding human development requires detailed understanding of the situations in which people develop—the immediate situations as well as the less immediate cultural processes in which children and their partners (and their ancestors)participate.”

“The categories composing the chain are treated as independent entities, and the arrows indicate that one entity causes the next. Thus individual and cultural processes are treated “as if” they exist independently of each other, with individual characteristics created by cultural characteristics.

Retomando o texto de Ingold que lemos na última aula, Rogoff levanta um questionamento semelhante ao questionamento levantado por Ingold sobre o interacionismo entre gene-ambiente. Neste caso, Rogoff foca em uma questão semelhante envolvendo a dicotomia indivíduo-cultura. Achei esse apontamento extremamente importante e acredito que de fato traga (ou pelo menos deveria trazer) consequências metodológicas e epistemológicas importantíssimas.

“Behavior (or thought) is often treated as the “outcome” of independent

cultural variables. The “influence” of culture on individuals has frequently

been studied by “measuring”

Pude me lembrar também do texto “The fourth dimension of tool use” a partir do seguinte trecho:

“Rather than individual development being influenced by (and influencing) culture, from my perspective, people develop as they participate in and contribute to cultural activities that themselves develop with the involvement of people in successive generations. People of each generation, as they engage in sociocultural endeavors with other people, make use ofand extend cultural tools and practices inherited from previous generations.As people develop through their shared use of cultural tools and practices, they simultaneously contribute to the transformation of cultural tools, practices, and institutions”

Rogoff destaca, assim como no artigo de Fragaszy colaboradoras, a agência do indivíduo no ambiente e a dimensão do tempo na transmissão cultural. De maneira geral, achei que o texto foi muito rico e muito conexo com tudo que temos discutido até o momento. Fica evidente como é necessária uma mudança na forma de abordar a questão do desenvolvimento humano. Felizmente, temos pesquisadores e pesquisadoras engajados em propiciar essa mudança. Mesmo que ainda tenha muito trabalho a ser feito, fico muito feliz em entrar em contato com esses trabalhos e poder, pelo menos em partes, entender o que e porquê está sendo proposto.